

Pesquisas recentes da pós-graduação brasileira sobre os pronomes de tratamento no Brasil

Recent Brazilian postgraduate research on pronouns of address in Brazil

Márcia Sipavicius Seide, Unioeste

Marcia.Seide@unioeste.br



Received: May 2024

Accepted: September 2024

Resumo

Neste artigo, apresenta-se uma pesquisa de revisão de literatura que reúne e sintetiza pesquisas recentes da pós-graduação brasileira que focam os objetos de estudo investigados pelo "Projeto Fortratib – Formas de Tratamiento Ibero-románico" realizada com o propósito de formar um contexto acadêmico para futuras investigações que se pretende implementar como parte de um projeto de pesquisa em grupo que inclui professores de pós-graduação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Os resultados mostram que há duas lacunas a serem exploradas: pesquisas em Linguística Aplicada focadas em soluções para a defasagem existente entre prescrições sobre o uso de pronomes e formas de tratamento em material didáticos de Língua Portuguesa como Língua Materna e com Língua Estrangeira e os usos desses recursos linguísticos e investigações sobre a representação literária desses recursos em obras contemporâneas.

Palavras-chave:

pronomes de tratamento, formas de tratamento, revisão de literatura, pós-graduação brasileira, português brasileiro.

Abstract

This article describes the results of a literature review research that gathers and synthesizes recent research from Brazilian graduate studies that focus on the objects of study investigated by the "Fortratib Project – Forms of Ibero-Romantic Treatment". The review was carried out with the purpose of forming an academic context for future investigations that is intended to be implemented as part of a group research project that includes graduate professors from the Western Paraná State University. The results show that there are two gaps to be explored: research in Applied Linguistics focused on solutions to the existing discrepancy between prescriptions on the use of pronouns and forms of address in didactic material of Portuguese as a Mother Tongue and as Foreign Language and investigations about the representation of the usages of these linguistic resources in contemporary works of literature.

Keywords

pronouns of address, forms of address, literature review, Brazilian post-graduation, Brazilian Portuguese.

Índice

1. Introdução
2. Pesquisas sincrônicas baseadas em dados de linguagem oral.
3. Pesquisas diacrônicas baseadas em dados registrados em cartas.
4. Pesquisa pancrônica realizada com dados de obra ficcional.
5. Pesquisa pancrônica realizada com dados de obra ficcional.
6. Pesquisas aplicadas ao ensino de línguas.
7. Síntese dos resultados e conclusões finais.
8. Referências.

1. Introdução

A busca de publicações para a pesquisa bibliográfica apresentada neste artigo foi realizada no dia 25 de outubro de 2023 no repositório de teses e dissertações da CAPES ([Catálogo de Teses & Dissertações - CAPES](#)). Foi usada como palavra de busca a palavra-chave “pronomes de tratamento”. Enquanto a busca inicial resultou em 115 indicações de trabalhos de pós-graduação, a escolha dos estudos mais pertinentes ao projeto resultou numa lista final de 14 estudos cuja síntese crítica servirá como ponto de partida para estudos ulteriores sobre a representação literária dos usos dos pronomes de tratamento no Português do Brasil. Como se trata de uma pesquisa de revisão de literatura, há reunião de resultados obtidos por outros pesquisadores e não análise linguística realizada pela autora deste artigo, não foi utilizado Sistema de Etiquetado das Formas de Tratamentos (SEFTRA). A descrição analítica das teses e dissertações está organizada por eixos-temáticos que nomeiam as seções do trabalho. Nas considerações finais, apresenta-se a síntese dos resultados obtidos e as conclusões finais,

1. Pesquisas sincrônicas baseadas em dados de linguagem oral

Neste eixo temático, foram reunidas três pesquisas de pós-graduação: a que foi primeiro defendida e publicada foca a alternância {tu}/ {você} na cidade de Santos no estado de São Paulo (Modesto, 2006), a segunda descreve o mesmo fenômeno usando dados de falantes da cidade mineira de São João da Ponte (Mota, 2008) e a terceira compara dados de capitais das região nordeste com dados da região sul, dados esses coletados no bojo de um amplo projeto sociolinguístico chamado *Projeto Atlas Linguístico do Brasi ALiB* (De Deus, 2009).

A pesquisa de Modesto (2006) teve por base um *corpus* formado por 20 inquéritos que correspondem a trechos conversacionais de falantes santistas. Os dados foram coletados entre de abril de 2003 e agosto de 2005.

Do ponto de vista metodológico, chama a atenção o fato de o pesquisador também ter obtidos dados mediante “gravações secretas” para averiguar a influência do monitoramento da fala dos dados obtidos. Para conseguir este tipo de gravação, ele conversava com os informantes sem que eles soubessem estarem sendo gravados. Terminada a conversa ele informava os interlocutores, mostrava a eles o que tinha sido gravado e, então, pedia permissão para utilizar os dados em sua pesquisa.

A pesquisa foi projetada e implementada de acordo com a fundamentação teórica escolhida, a Sociolinguística Variacionista proposta por Labov, as demais pesquisas encontradas, salvo menção em contrário, compartilha destes mesmos pressupostos teóricos. Os dados obtidos foram analisados mediante cálculos estatísticos realizados automaticamente por um *software* chamado *Varbrul* criado no Brasil por uma equipe de pesquisadores brasileiros.

A maioria das conversas foi gravada em escolas com participantes que eram alunos do Ensino Médio ou professores da escola. Das 20 gravações feitas, apenas duas não tinham temáticas relacionadas ao ambiente escolar.

Os resultados obtidos nessa pesquisa evidenciaram que informantes com mais escolaridade (ensino superior) usam menos a forma tu e que ela é mais usada por quem está no ensino médio. A forma “te” (em função objetiva) é a mais utilizada, inclusive com função enfática. Tendo em vista que o uso de {tu} foi mais evitado nas gravações não secretas, conclui-se que o fator monitoramento é importante na escolha. Houve correlação entre monitoramento e uso de {você}: quando mais monitorada era fala, mais houve uso de {você}.

A pesquisa de Mota (2008) foi realizada numa cidade interiorana mineira chamada São João da Ponte e utilizou duas instrumentos de geração de dados: de um lado, gravação de entrevistas e, de outro, produções orais de contação de histórias. Os informantes selecionados eram de diferentes faixas etárias e graus de instrução e, ao que tudo indica, os dados foram coletados entre 2007 e 2008.

O resultado que mais se destacou em sua pesquisa foi o registro de utilização de {tu} em 10 % do corpus. Este resultado é relevante tendo em vista que, em pesquisa anterior (Mendes, 1998) havia dados que indicavam que, no estado de Minas Gerais, a forma de tratamento {tu} não era mais utilizada. Outro resultado obtido foi convergente com a pesquisa de Modesto: tanto na cidade de Santos quanto na cidade de São João da Ponte, há mais uso da forma de tratamento {tu} em sua forma oblíqua (25 de 49 ocorrências). Além disso, nos dados mineiros, a intimidade também favoreceu o uso do pronome.

A última pesquisa deste eixo foi realizada por De Deus (2009) com base em dados coletados pelo projeto Alib entre 2001 e 2009¹. A pesquisadora analisou 48 inquéritos, sendo 4 de cada sexo, igualmente distribuídos por 2 faixas etárias e 2 níveis de escolaridade, em cada uma das 6 capitais constituintes do corpus formado por dados gerados nas capitais sulistas - Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre - e as nortistas - Teresina, Recife e Salvador - do Brasil. A análise dos dados evidenciou a existência de quatro sistemas de uso dos pronomes a seguir descritos.

Em Porto Alegre, a forma {tu} foi usada em 47% da amostra, mas quase sempre com o verbo sendo conjugado na 3ª. pessoa. O pronome nulo foi usado em 45% sendo forma concorrente de {tu} e a forma {você} foi usada em 8% dos dados. Estas tendências foram assim descritas como o primeiro sistema de uso encontrado, caracterizado pelo “predomínio de concorrência entre tu e pronome nulo e pouco uso do pronome {você: tu/∅} ~ (você)” (De Deus, 2009)

O segundo sistema de uso foi identificado em Florianópolis onde predomina o pronome nulo e o pronome {tu} concorre com {você}. O pronome {tu} foi utilizado em 54% da amostra; as formas {tu} e {você} alternaram de modo equilibrado 23% para cada e, na maioria da vezes, a forma {tu} foi usada em relações solidárias e com a desinência verbal de segunda pessoa.

O terceiro sistema foi encontrado em Recife e em Teresina onde o predomina a ocorrência de pronome nulo com o pronome {você} e há uso minoritário do pronome {tu}. Em Salvador e em Curitiba, foi identificado o quarto sistema de usos dos pronomes de tratamento. Nessas capitais, predomina a concorrência do pronome nulo com o pronome {você}. A forma {você} e o sujeito nulo predominam. Não houve registro de {tu} em Salvador e houve apenas uma ocorrência do pronome {tu} em Curitiba.

Antes de passar para o próximo eixo temático, cumpre informar que apesar de não terem sido capturas pelos mecanismos de buscas utilizados nesta pesquisa bibliográfica, há outras pesquisas do projeto Alib sobre pronomes de tratamento. No site do projeto Alib, constam seis pesquisas sobre os pronomes de tratamento título são os seguintes: “O uso do tu e do você no português falado no Maranhão” (Alves, 2010), “Variação dos pronomes {tu}/{você} nas capitais do norte” (Costa, 2013), “O tratamento do interlocutor no nordeste e no centro-oeste, a partir dos dados do ALiB” (do Amor Divino, 2016); “A realização da variável dos pronomes sujeito e dos pronomes oblíquos tônicos no interior da Bahia” (da Silva, 2017), “Variação de nós e a gente nas capitais brasileiras: estudo a partir do corpus do Atlas Linguístico do Brasil” (Martins, 2023) e «Pra eu» ou «pra mim» fazer? : traços sociodialetais nas capitais brasileiras” (dos Santos, 2023).

2. Pesquisas diacrônicas baseadas em dados registrados em cartas

Neste eixo, foram encontradas quatro pesquisas sobre o uso progressivo do pronome você em cartas escritas nos últimos dois séculos (Chaves 2006, Rumeu 2008 e Souza 2012) e uma pesquisa que apresenta uma análise diacrônica das variantes oblíquas de segunda pessoa do singular em cartas fluminenses, isto é, de pessoas residentes no estado do Rio de Janeiro (Silva 2020).

Chaves (2006) analisou um corpus formado por 77 correspondências do século XIV e 61 correspondências do século XX. Nestes documentos, foram encontradas 175 ocorrências do tratamento “Vossa Mercê” e 217 ocorrências do tratamento Você.” (Chaves, 2006:28-29). Para melhor compreensão de sua investigação, cumpre retomar o problema de pesquisa que a dissertação procurou solucionar:

Um dos obstáculos à realização de datação é explicitado por Fontanella de Weinberg (1987). Segundo essa autora, o uso de formas abreviadas impediria a documentação das diferentes etapas do processo (...). Nesta dissertação temos o propósito de mostrar que o problema apontado por Weinberg, ao contrário do que afirma a autora, não chega a impossibilitar a identificação dos estágios do processo (...). (Chaves, 2006:20).

Chaves encontrou, em seu corpus, abreviaturas diferenciadas indicando a que forma completa a abreviatura correspondente, isto é, se o tratamento ao interlocutor corresponde à forma “você” (inovadora para a época) ou da forma “vossa mercê”. Na citação seguinte, percebe-se que “vm” é uma abreviatura que corresponde à forma vossa mercê: “Estimo que vm e tudo quanto he noco esteje no gozo deperfeita saúde eigual o meu dezejo (1872)” (2006: 29). Nessa outra frase, a mesma forma é abreviada como Vmce: “Vmce queira me lançar a sua benção (1825) (2006: 29). Há também, no último século analisado a forma plena do tratamento {você} e a forma abreviada “VC” respectivamente como exemplificado em “Arlindo você mesmo não imagina como eu fiquei (1904)” e “So pesso que pegue com N. Senr° e S. Geraldo para VC ser feliz. (1908)” (2006: 29).

Focando os mesmos séculos, porém, tendo por base arquivos de correspondência de uma mesma família, Rumeu analisou o processo de inserção do pronome {você} e em que medida este uso coexistiu como o uso de {tu} nas cartas do arquivo da família Pedreira Ferraz-Magalhães. Embora em seu corpus tenham predominado as formas de segunda pessoa em detrimento da {você}, o pesquisador observa que esses usos ocorreram de forma complementar tendo em vista que quando havia sujeito nulo, o verbo era conjugado na segunda pessoa do singular. Outro resultado importante de sua pesquisa surgiu quando foi considerada a variável gênero: “na produção escrita das mulheres da família Pedreira Ferraz – Magalhães, o pronome-sujeito Você é mais produtivo, principalmente, no contexto sócio-histórico dos anos 30. (Rumeu, 2008:9)”.

Em sua pesquisa sobre cartas pessoais produzidas entre fins do século XIX e durante o século XX, Silva (2000) focou, especificamente, como eram usados os pronomes oblíquos de segunda pessoa do singular quando o núcleo do completo era formado pelos pronomes tônicos “ti” e {você} e da forma “contigo”. Os resultados obtidos mostraram que as formas oblíquas de você foram mais frequentemente usadas a partir da metade do século XX e que o uso de você na função de sujeito aumenta a probabilidade de concordância com as formas oblíquas correspondentes

Pesquisa mais abrangente baseada em 353 cartas escritas entre 1870 e 1970 por cariocas e outros residentes do estado do Rio de Janeiro foi realizada por Souza (2012) que focou a variação de uso dos pronomes de tratamento não apenas segundo o ponto de vista da Sociolinguística Laboviana, mas também sob viés teórico também adotado pelo Fortatrib e pela teoria de Poder e Solidariedade proposta por Brown e Gilman em 1960. A análise de um século de produção epistolar mostrou que o desenvolvimento do atual sistema pronominal do português brasileiro passou por três fases históricas: no Período I (1870-1890), o pronome {tu} foi mais frequente que o pronome {você}; no II (1900-1930): {tu} e {você} apresentam frequências próximas, já no período III (1930-1970): o você torna-se a estratégia preferida”.

3. Pesquisa pancrônica realizada com dados de obra ficcional

Neste eixo, apenas uma pesquisa foi encontrada. Trata-se da pesquisa de doutorado de Machado (2011) cuja tese não está disponível ao público, mas cujos resultados e metodologia foram divulgados na forma de artigo científico (Machado 2018). As informações ora relatadas baseiam-se no artigo e não na tese de Machado. Em comum com a pesquisa de Souza (2012), parte da fundamentação teórica encontra respaldo na Teoria da de Poder e Solidariedade proposta por Brown e Gilman na década de 1960. Machado analisou como o interlocutor era tratado em catorze peças de teatro publicadas os séculos XIX e XX. A escolha das peças foi feita cuidadosamente: foram escolhidas aquelas que foram criadas por fluminenses ou dramaturgo que lá residiam há 10 dez, que retratavam relações informais e /ou ide intimidade entre os interlocutores e ambientadas na esfera privada.

Os dados analisados pela pesquisadora evidenciaram que para relações simétrica solidárias e para relações assimétricas ascendentes houve uso predominante de {tu} até 1910, forma que foi suplantada nas décadas seguintes nas quais o uso mais frequente foi do pronome {você}. Outro resultado é sobre o uso da forma de tratamento “o senhor” tanto em relações simétricas não solidárias quanto nas relações assimétricas ascendentes. Houve um auge na utilização desta forma de tratamento (80% dos usos registrados na amostra de peças teatrais) entre os anos de 1846 e 1870, este uso caiu pela metade de 1908 a1952 e ficou reduzido a menos de 20% dos usos a partir de 1962.

4. Pesquisas aplicadas ao ensino de línguas

Neste eixo temático, foram encontradas três pesquisas: uma sobre o ensino de pronomes pessoais em aulas de Língua Portuguesa do sétimo ano do ensino fundamental brasileiro (na qual alunos não repetentes estão com 12 anos de idade) (Cantarella, 2019) e as demais sobre o ensino dos pronomes e das formas de tratamento a alunos adultos de português como língua estrangeira (Dos Santos 2003 e 2009). As pesquisas deste eixo são especialmente interessantes por abrangerem, de um lado, as descrições com caráter prescritivos dos materiais de ensino e, de outro, os usos linguísticos utilizados pela sociedade brasileira e pelos aprendizes na realização de uma tarefa de produção textual.

A pesquisa focada no ensino de Língua Portuguesa como língua materna partiu da constatação de que, grosso modo, nos livros didáticos para os 6º. e 7º anos da Ensino Fundamental analisados, há pouca descrição da expressão “a gente” como forma de tratamento da segunda pessoa do plural e do uso do pronome {tu} acompanhado de verbo conjugado na terceira pessoa do plural. Em quase todos os livros, a ênfase recai na explicação da regra prescritiva segundo a qual não se deve usar um pronome de segunda pessoa com um verbo conjugado na terceira pessoa.

Na produção textual dos alunos, a pesquisa observou que o pronome de tratamento “a senhora” só foi usado apenas uma vez e que os alunos evitaram usar o pronome {tu} com função de sujeito:

nas cartas pessoais, foi possível observar a predominância do uso de você como pronome pessoal direcionado à segunda pessoa, não havendo explicitamente a ocorrência de tu. Outro dado observado foi o uso mais frequente do pronome nós em comparação com a forma a gente. 33 Interessante comentar que encontramos alguns usos do pronome pessoal oblíquo te (04 ocorrências) em referência a segunda pessoa do discurso. (Cantarella: 70).

A falta de explicações mais aprofundadas sobre como os pronomes de tratamentos são usados no Português Brasileiro também foi identificada nas pesquisas sobre o ensino de Português como Língua Estrangeira a aprendizes adultos.

Em sua dissertação de mestrado, dos Santos (2003) teve por objeto de estudo descobrir como aprendizes universitários estado-unidenses de PB como língua estrangeira descrevem os usos que fazem dos pronomes de tratamento – tu, você e o (a) senhor (a). Para chegar ao seu objetivo, ela analisou 4 livros didáticos, elaborou e aplicou um questionário a duas turmas de aprendizes (uma com aulas no Rio de Janeiro e outra com aula nos Estados Unidos), fez transcrição de usos dos pronomes em uma atividade oral realizada com os alunos de ambas as turmas e, por fim comparou os dados por subgrupos: o formado por alunos estudando no Rio de Janeiro e o formado por alunos estudando no estado de Province, nos Estados Unidos.

Tendo em vista os resultados obtidos, ela concluiu que a descrição falha ou omissa dos usos linguísticos nos materiais de Português Língua Estrangeira torna o aluno inseguro fazendo-o evitar certos usos. Nas atividades de produção oral, houve usos não nativos que chamam a atenção para qual seriam os usos nativos. Cumpre ressaltar que os usos nativos não previstos nos livros didáticos são mais frequentes no grupo de alunos em imersão no Brasil que, provavelmente, aprenderam por observação, ensaio e erro e não em decorrência do material didático utilizado.

Em sua tese de doutorado (2009), dos Santos relacionou aspectos linguísticos com os aspectos culturais no ensino do uso das formas de tratamento a aprendizes adultos de Português como Língua Estrangeiras. Destaca-se, como principal resultado de sua tese, a constatação de que a aquisição da língua é mas bem sucedida quando acompanhada da aquisição da cultura, no caso, da brasileira.

Nessa pesquisa, dos Santos (2009) aplicou uma enquete a duas turmas de alunos (uma de 2005 e outra de 2006) na qual havia perguntas sobre a opinião deles a respeito do uso dos pronomes de tratamento no Português do Brasil. Para mensurar as atitudes deles perante o tema, ela formulou afirmações para as quais eles respondiam se concordavam ou não numa escala que variava de 1 a 5. Na turma de 2005, os alunos anglófonos concordaram com a afirmação, mas o único hispano falante, da turma, um estudante peruano, escolheu o grau neutro de concordância o que pode ser um indício de sua indiferença sobre o assunto ou um sinal de que, para ele, não deve ter sido problemático entender e usar o sistema de formas tratamento do Brasil.

Nas respostas da turma de 2006, há outro caso que evidencia a influência da cultura e da língua de origem dos alunos. Nessa turma, havia um aluno alemão que observou diferenças na maneira de alunos e professores interagirem e admirou a forma mais íntima e informal da interação entre ambos.

Sintetizando as pesquisas deste eixo, se pode afirmar que, nos contextos de ensino de língua materna, mais da metade dos livros didáticos não evidenciam que {você} é usado como o pronome pessoal e não admitem o uso não padrão no qual não se observa a concordância de pessoa e há mistura de formas de 2P e 3P.

Nas experiências exitosas de ensino, os alunos conseguem, em contextos escritos monitorados, seguir as regras prescritas de concordância. Já, nos contextos de ensino de língua estrangeira e nos materiais didáticos tanto no ensino de língua materna quanto no ensino de língua estrangeira se omite informação o pronome {tu} e não explica seu uso ou há explicação insuficiente sobre como ele é usado. Existe, portanto, uma padronização artificial da língua pela qual apenas o *você* seria utilizado.

As pesquisas sobre ensino de português como língua estrangeira também mostram que o uso real dos pronomes de tratamento no Brasil, os alunos anglófonos ficam atônitos e inseguros.

5. Pesquisas teóricas tangenciais ao tema

Neste eixo temático foram encontradas três pesquisas: a de Santos (2007) sobre o surgimento e o desenvolvimento da classe gramatical dos pronomes, a de Fernandes (2009) sobre as motivações e os percursos histórico, literário e gramatical de {*você*} no Brasil como pronome de segunda pessoa, e a de Lennertz (2012) que investiga, especificamente, o processo de gramaticalização de “*vossa mercê*” que deixou de ser forma de tratamento propriamente dita e se tornou um pronome pessoal.

Santos (2007) objetivou estudar como as gramáticas caracterizam os pronomes pessoais desde os gregos até hoje. Para alcançar seu objetivo, a pesquisadora elaborou um corpus formado por um conjunto de gramaticais descritivas e prescritivas. Sua investigação é interessante por investigar a forma {*você*} como um pronome pessoal de 2ª. pessoa e não como uma forma de tratamento propriamente dita.

A investigação de Fernandes (2009), por sua vez, interessa por resgatar e analisar aspectos mais externos da história do surgimento e implementação de {*você*} no Brasil evidenciando à semelhança do trabalho de doutorado de dos Santos (2009) a influência da culta sobre as línguas.

Pereira enfatiza a relação de vassalagem da idade média portuguesa para explicar o uso de {tu} do superior para o inferior e de “*vos*” do inferior para o superior. Esclarece também que a “*mercê*” e “*senhoria*” são palavras que surgem como tratamento para referenciar a posse da terra da qual provém o poder. Ela explica que a decadência material da nobreza e a ascensão da burguesia na Renascença reorganizou as relações de poder e a infiltração, na nobreza, de nobres surgidos não pelo sangue e nem pela posse de terras provocou mudanças nas formas de tratamento de que resultou a disseminação do uso de *vossa mercê*. Então, os burgueses enriquecidos exigiam também ser tratados com reverência. Assim, em 1597 e em 1739, surgem, em Portugal, leis com regras para os usos dos pronomes de tratamento.

Lennertz (2012), por fim, trata da mudança funcional observada nos usos da forma de tratamento “*Vossa mercê*”. Analisa a evolução da forma “*vossa mercê*” ocorrida nos séculos XIV a XVI como um processo recorrente da reanálise do pronome possessivo como sendo um pronome de 2ª. pessoa. Sua pesquisa mostra que

A reanálise de um sintagma possessivo em um pronome de segunda pessoa leva em consideração: (i) a dependência semântica do nome relacional *mercê* de entidades que apresentam o traço [+humano]; (ii) a presença, no interior do sintagma, de um item que codifica o traço gramatical de segunda pessoa, como o possessivo *vossa*; e (iii) a ambiguidade gerada na posição de sujeito em construções com verbos como *saber*, que atribui papel temático de experienciador a constituintes que devem apresentar o traço [+humano]. (Lennertz, 2012: 5).

6. Síntese dos resultados e conclusões finais

Considerando que as pesquisas apresentadas neste trabalho representam o conhecimento que tem sido produzido contemporaneamente na pós graduação brasileira, elas formam um contexto acadêmico que servirá como ponto de partida para as pesquisas a serem desenvolvidas pelos pesquisadores da Unioeste e como ponto de contraste com as pesquisas do Fortratib já realizadas ou em desenvolvimento.

As pesquisas diacrônicas que compõem a amostra avaliada nesta revisão bibliográfica trazem dados confiáveis que mostram as peculiaridades do processo de implementação de {*você*} como pronome de tratamento e os resultados já encontrados podem servir de pano de fundo para novas pesquisas a serem desenvolvidas pela equipe de pesquisadores da Unioeste.

Do ponto de vista teórico todas as pesquisas incluem, em sua fundamentação, a Sociolinguística Variacionista proposta por Labor, contudo, apenas duas pesquisas da amostra (Souza 2011, Machado, 2011) enfatizam as relações sociais de poder implicadas na escolha das formas e dos pronomes de tratamento pelos interlocutores em situações dialógicas com as quais, estas estão teoricamente mais próximas das bases teóricas que sustentam o sistema de etiquetagem utilizado no Fortratib.

Não obstante a robusta descrição linguística diacrônica sobre o sistema pronominal da Língua Portuguesa no Brasil, as teses e as dissertações centradas no ambiente escolar mostram que há um fosso entre os

usos linguísticos das formas e pronomes de tratamento no Brasil e o modo como são descritos e prescritos no ensino de Língua Portuguesa como Língua Materna e no ensino de Língua Estrangeira como língua estrangeira. Esta lacuna evidencia possibilidades de pesquisa na área da Linguística Aplicada.

Outra lacuna a ser explorada é a investigação de como se dá a representação ficcional dos usos dos pronomes de tratamentos. Apenas uma pesquisa utilizou como corpus obras ficcionais (peças de teatro), usando-as, contudo, como fonte de dados fidedigna e não como uma representação de usos linguísticos reais, uma estilização dos fatos linguísticos que podem ser mais ou menos próximos da realidade linguística artisticamente representada nas obras.

7. Referências

- Araújo, W. Santos (2007). *Os pronomes: uma classe de palavras léxico-gramaticais em retrospectiva* (dissertação). Programa de Pós Graduação em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Chaves, E. (2006). *Implementação do Pronome Você: a contribuição das pistas gráficas* (dissertação). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.
- de Deus, V. Gomes. (2009). *Você ou tu? nordeste versus sul: o tratamento do interlocutor no português do Brasil a partir de dados do projeto ALiB* (dissertação). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.
- de Souza, J. Pedreira Fernandes (2012) *Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX*. (Dissertação). Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- dos Santos, J. C. Duarte (2003). *Tu ou você? Uma questão de identidade cultural*. (dissertação). Programa de Pós-Graduação em Letras, Estudos da Linguagem. da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- dos Santos, J. C. Duarte. (2009) *Os pronomes / formas de tratamento no português e a cultura brasileira. Aquisição de Segunda Língua e Aquisição de Segunda Cultura* (tese). Programa de Pós-Graduação em Letras Estudos da Linguagem. da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
- Fernandes, E. C. Pereira. (2009) *Você como pronome de segunda pessoa no Brasil: motivações e percursos histórico, literário e gramatical* (Dissertação). Programa de Pós-Graduação em Letras Estudos da Linguagem. da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Machado, A. Carolina Moritio (2011). *As formas de tratamento nos teatros brasileiro e português dos séculos XIX e XX*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/ UFRJ.
- Machado, A. C. (2018). *As formas de tratamento no teatro do Rio de Janeiro dos séculos XIX e XX*. *Caderno Estudos Linguísticos*, Campina, v.60, n. 4: 647-688.
- Modesto, A. T. Tácito (2006). *Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância tu/você na cidade de Santos – SP*. Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
- Mota, M. A. (2008). *A variação dos pronomes 'tu' e 'você' no português oral de São João da ponte (MG)* (dissertação). Programa de Pós- Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.
- Marcotulio, L. Lennertz (2012). *Vossa mercê bem sabe de onde viestes: um caso de gramaticalização na história do português*. (Tese). Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Rumeu, M. C. de Brito (2008). *A implementação do 'você' no português brasileiro oitocentista e novecentista: um estudo de painel.v.1* (tese). Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Silva, M. Cantarella (2019). *O ensino dos pronomes pessoais para alunos do 7º ano do ensino fundamental em Ribeirão Preto – SP: uma abordagem sociolinguística*. (dissertação) Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS/UFTM-Uberaba.

Silva, T. Frota Teixeira de Araujo (2020). *Lembro de você preciso de ti: uma análise diacrônica das variantes oblíquas de 2sg na escrita epistolar fluminense* (dissertação). Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.